

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O GLOBO

Class.: 589

Data: 30/05/82

Pg.: _____

Novas forças na eleição de novembro

Minorias buscam os votos para conquistar representatividade

Pela primeira vez na história das eleições brasileiras, as minorias — étnicas, religiosas e outras — organizam-se para, através do voto, conquistar a representatividade social e política. Homos-

sexuais, adeptos de seitas minoritárias, conservacionistas acham que as regras ditadas pelos grupos majoritários os excluem de direitos, inibem suas manifestações. O mesmo, jul-

gam as feministas, acontece com as mulheres: embora não sejam minoria como expressão demográfica, elas estão minoritariamente representadas nos níveis de direção e decisão, no setor privado como no setor público.



A professora Silvia Pimentel descobre a política



Candidatos negros: Oliveira, Lucrécio e Fernandes (à direita)

Negros de S. Paulo concorrerão em várias frentes

SÃO PAULO (O GLOBO) — Divididos em três grandes grupos minoritários que, somados, pretendem transformar-se um dia em maioria étnica, política e social, os negros de São Paulo têm numerosos candidatos às eleições de novembro.

Os negros se agrupam no Movimento Negro Unificado (MNU), ostensivamente ligado ao PT; na Frente Negra de Ação Política de Oposição (Frenapo), vinculada ao PMDB, e na Frente Negra Brasileira (FNB), cujos membros atuam em todos os partidos. Os três movimentos reunidos têm mais de 300 candidatos em todo o Estado.

— Não nos colocamos como minoria, mas a verdade é que ainda não ocupamos o nosso espaço na sociedade — explica o economista Wilson Fernandes, candidato a deputado estadual pelo PMDB.

— Só em São Paulo somos cinco milhões — afirma Milton Barbosa, candidato a deputado federal pelo PT.

Eduardo de Oliveira, ex-vereador que é candidato à Assembleia Legislativa pelo PMDB, afirma que o grande trabalho será a conscientização do negro.

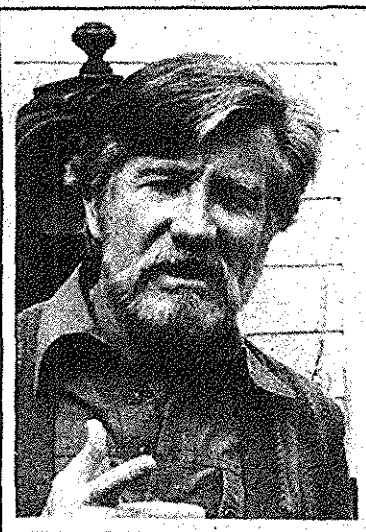
— Pretendo denunciar a marginalização do negro, historicamente aliado da sociedade brasileira — diz Eduardo Oliveira, para quem o programa do PMDB, "ao pregar a democratização do poder e a redistribuição da renda, beneficia principalmente os negros, que constituem a maioria dos habitantes dos 'guetos e favelas'".

Os três grupos decidiram fazer uma campanha de casa em casa, junto às famílias negras que se fixam na periferia das cidades. Nesses contatos será suscitada a necessidade de organização da população negra contra a discriminação, que segundo os ativistas resulta em violência policial, desemprego e maior exploração da mulher negra.

Milton Barbosa, candidato a deputado federal pelo PT, disse que se eleito apresentará projeto de lei incluindo a História do Negro na África e no Brasil no currículo escolar.

EVOLUÇÃO DOS DIREITOS

A professora Silvia Pimentel, diretora do Centro de Ciências Humanas da



O PINTOR DARCY PENTEADO

Pontifícia Universidade Católica e candidata a deputada estadual pelo PMDB, descobriu a militância feminista há cinco anos, depois de concluir sua tese de doutorado sobre "A evolução dos direitos da mulher". Agora descobre a política, depois de uma rápida passagem pelo Centro da Mulher Brasileira, grupo Pró-Mulher e na Frente das Mulheres Feministas.

— De repente — diz ela — percebi que as mulheres não resolverão os seus problemas apenas pelo engajamento em movimentos autônomos. A emancipação feminina, estou convicida, passa pela via partidária.

Silvia Pimentel deseja que a direção do lar seja legalmente repartida entre mulher e marido. Mas ainda terá uma postura moderada durante a conquista do voto.

— Vou dar preferência — diz ela — aos temas convergentes.

PELA NATUREZA

Os conservacionistas estão aproveitando palma a palma a ciclópica polui-

ção paulista para colocar-se política e eleitoralmente. O grupo ecológico Seiva, por exemplo, apóia Ernest Swarg, vereador em Itanhaém. Fernando Victor, vereador em Diadema que pretende disputar uma cadeira na Assembleia Legislativa, também conta com a solidariedade desses grupos conservacionistas politicamente organizados.

Os homossexuais, no entanto, constituem o grupo mais confiante num sucesso eleitoral, em função de uma bem-sucedida organização. Desde o início do mês, por exemplo, representantes de quatro grupos de homossexuais masculinos e femininos têm debatido, com representantes do PMDB e do PT, a forma de seu engajamento na campanha eleitoral. O próprio senador Franco Montoro, candidato do PMDB ao Governo paulista, enviou dois representantes — o suplente de senador Fernando Henrique Cardoso e o assessor Carlos Figueiredo — para um entendimento com o grupo. O PT deu carta branca ao deputado João Batista Bredar na conquista do apoio dos homossexuais ao partido.

— Nosso apoio vai surpreender muita gente — garante o artista plástico Darci Penteado, uma das estrelas do movimento gay, embora não esteja vinculada a nenhum grupo.

Darci Penteado disse que, como o voto é secreto, nenhum homossexual deixará de votar em quem entende a sua luta.

— Só em São Paulo — disse — somos um milhão e 200 mil. E meus cálculos sobre a população homossexual foram feitos por baixo, já que as entidades psiquiátricas norte-americanas, por exemplo, estimaram em 15 por cento a proporção de homossexuais em todo o agrupamento humano. E a esse número se juntariam os simpatizantes, isto é, as pessoas que compreendem a situação do gay.

A campanha eleitoral gay visa a garantir a extinção da repressão policial aos travestis e a discriminação de homossexuais no serviço público. Além disso, querem que a lei lhes garanta o "uso do corpo" e o direito de "mostrar o afeto em público".

Juruna diz que é índio e só representa os índios

A demarcação das terras indígenas é a principal plataforma do xavante Mário Juruna, que faz questão de dizer que é representante das comunidades indígenas:

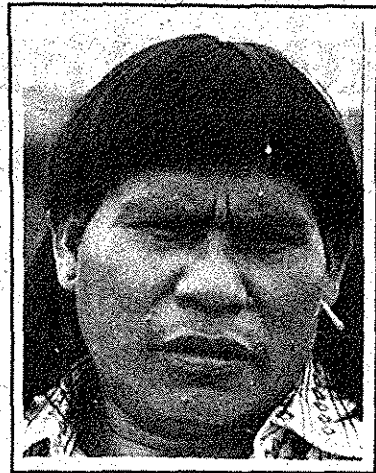
— Eu não represento mais ninguém: sou índio. Eu sou a voz indígena e me candidatei para defender os nossos direitos. As autoridades brancas não podem falar sobre os problemas do Brasil.

Nascido há 41 anos "numa floresta do Mato Grosso", Juruna acredita que ajudará mais seu povo como deputado federal (é candidato pelo PDT) do que como chefe tribal. Para melhor se dedicar à campanha, passou o posto de cacique dos xavantes para o irmão, Simão, e divide o tempo entre palestras e viagens com outros candidatos do partido:

— Funai suja meu nome, diz que ganho dólar, fui em boate, mas com a candidatura não ganho nada. Tenho que batalhar para conseguir voto do povo. Quero ser eleito para incomodar mais no "tribunal federal" — diz o índio.

A campanha de Juruna, que tem apoio de candidatos a deputados estaduais e vereadores, está fundamentada em palestras em universidades e colégios de 2º grau. Nos últimos dois meses falou em oito faculdades e dez colégios. Costuma também passar nas feiras-livres, principalmente em municípios do interior, além de seguir a programação oficial do candidato à sucessão do Governo Luminense, Leonel Brizola:

— Escolhi um partido de gente que foi expulsa da terra, como aconteceu com o índio — esclarece Juruna.



O ÍNDIO MÁRIO JURUNA

Lélia trabalha por renovação

A professora Lélia Gonzalez, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 45 anos, socióloga e candidata à Câmara dos Deputados pelo PT, diz que há um ano atrás não se candidataria.

— E que se eu me interesse pelos assuntos gerais da política — diz ela — estes não seriam suficientes para me animar a disputar uma eleição. Mas a minha identificação com um processo muito recente dentro da sociedade brasileira, que é o movimento negro, o movimento ecológico, o movimento pela libertação da mulher, contra a repressão aos homossexuais e outros, tidos como minorias, me entusiasmou. Esses movimentos entraram na luta política com um sentido altamente inovador. E uma renovação de temas que me entusiasma.

Lélia Gonzalez tem gasto boa parte de seu tempo, nos últimos meses em visita a entidades negras, como sedes de blocos carnavalescos, escolas de samba, terreiros e os grupos ligados ao Soul (movimento musical), principalmente no interior do Estado.

Desenvolve, também, uma campanha junto às outras entidades representativas do movimento negro, como o Instituto Pesquisas das Culturas Negras, o Clube Palmares, o movimento negro de Campos, Friburgo e outros municípios.



ASOCIÓLOGA LÉLIA GONZALEZ

No Paraná, a luta vai das praças ao campo

CURITIBA (O GLOBO) — Um cantor evangélico, um umbandista, um índio, um negro, uma feminista, um descendente de ucranianos e outro de japoneses, além de um homossexual, formam a representação que, em nome das minorias caracterizadas e organizadas do Paraná, vai disputar as eleições de 15 de novembro pelos diversos partidos nacionais.

São bandeiras e propostas que se diferenciam nas reivindicações e no proselitismo exercido no meio das praças, no emaranhado dos bares, cafés e restaurantes, nas aldeias e no fundo dos campos — enfim, em todo o lugar onde é possível o apelo ao voto no processo de afirmação de minorias até há pouco politicamente marginalizadas.

— A libertação da mulher — diz Alzimara Bacelar, último ano de bibliotecária na Universidade Federal do Paraná e candidata do PMDB a deputada estadual — passa necessariamente pela libertação de todo o povo.

Assim, carregada de ideologia — como aliás todos os demais candidatos das minorias —, Alzimara pretende que numa provável nova Constituição brasileira esteja inscrita a igualdade das mulheres em relação aos homens.

A pedagoga Zélia Passos, candidata do PT à Câmara de Vereadores de Curitiba, não aceita a classificação de feministas, mas condena o que chama de "violência contra o corpo da mulher".

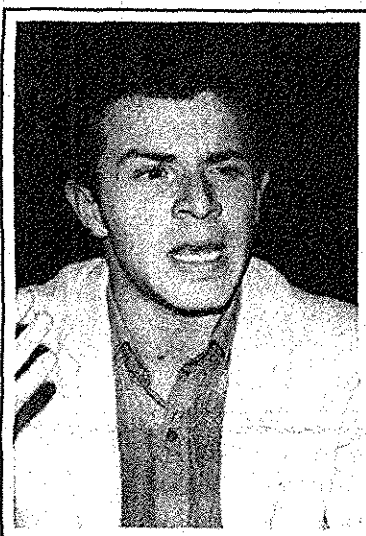
— Mas o que efetivamente diferencia o Partido do Trabalhador — afirma a pedagoga — é o fato de ter como candidatos simples operários, bóias-frias e representantes de outros segmentos sociais que jamais tinham participado da política.

ESTABILIDADE

A proposta do cantor evangélico Mateus Lense, de 44 anos, candidato do PDS a deputado estadual, é muito diferente, pois ele "apenas quer ajudar o povo".

— Estou entrando na política — afirma ele — justamente para dar essa ajuda. Não quero nada para mim, pois tenho uma situação financeira estabilizada.

Radialista há 16 anos, Mateus tem 16 discos gravados. Ele tem um serviço de utilidade pública no seu programa de rádio, através do qual consegue internamentos, passagens, empregos e transmite recados para o interior.



NEMÉCIO MULLER

Segundo Mateus, que conhece através do seu programa "a dimensão da miséria e do abandono em que vive o povo pobre", há entre 25 a 30 mil membros da Assembleia de Deus em Curitiba. Mas ele espera contar com o apoio de outras igrejas evangélicas, que também têm programas na Rádio Marumbi.

Dorival Simões, presidente da Associação Paranaense de Umbanda e candidato do PDT a vereador em Curitiba, declara que entrou na política como meio de ajudar a sua crença.

— O Governo — afirma — sempre nos negou auxílio. Sempre fomos rejeitados pela sociedade. Mas, na verdade, somos como aquele boi que descobriu a sua força e deixou de ser matéria-prima para bife. Em Curitiba, demos 1.500 centros de umbanda ou candomblé, reunindo 65 mil pessoas.

SEM ÓDIO

José Raimundo, de 36 anos, negro, professor universitário e fiscal de rendas do Estado, é candidato a senador pelo PDT.

— Não pretendo — disse — defender uma bandeira exclusivamente negra. Isso não teria sentido, pois sou candidato numa eleição majoritária. Mas pretendo sempre relacionar o aspecto racial ao econômico e ao sócio-cultural.

Segundo José Raimundo, apesar da inexistência de ódio racial, "o negro é

duplamente marginalizado: por origem de classe e de raça".

— Isso tudo — disse José Raimundo — leva à criação de uma série de estereótipos que sedimentam, cada vez mais, uma condição de inferioridade.

O índio Mário Creta é candidato a vereador pelo PDT em Mangueirinha, onde se localiza a reserva guarani e caiçang. Ele é irmão do cacique Angelo Creta, que morreu depois de um acidente automobilístico em 1980. Mário Creta pretende defender a intocabilidade da floresta de pinheiros de Mange urinha, considerada a maior do Brasil.

O médico Afonso Antoniuk, como candidato ao Senado pelo PTB, defende a bandeira da colônia ucraniana. No litoral, em Morretes, Tadei Shiásaki, também do PTB, pretende eleger-se vereador com os votos dos descendentes de japoneses.

SETE INSTRUMENTOS

Vitrinista, marchand de tableaux, ator de teatro, designer de jóias e estudante de Direito e de Serviço Social, Nemécio Muller, de 25 anos, freqüenta as colunas sociais e as reuniões das altas rodas de Curitiba. Esse homem de sete instrumentos pretende ser candidato gay à Câmara Municipal da capital paranaense pelo PDS.

Rico, ele conta com o apoio da família "e de 27 mil homossexuais, entre homens, mulheres, travestidos, casados e solteiros".

— Há três anos — disse Nemécio Muller, filho de uma senhora italiana que é a sua principal admiradora — defini-me pela política e venho trabalhando com o apoio de vários setores, entre os quais se incluem 5.270 gays e travestis curitibanos, que assinaram um documento de adesão à minha candidatura.

Apesar desse apoio, Nemécio Muller diz que está enfrentando "certas resistências" dentro do PDS.

— Mas já percebo que grande parte dos meus correligionários vai abraçar a minha causa, que é a defesa das minorias caracterizadas.

Como uma aproximação mais efetiva entre o candidato e o seu partido tarda e o tempo não pode ser desperdiçado, Nemécio Muller está desenvolvendo uma campanha eleitoral além da estrutura partidária, embora afirme com muita convicção que conta com a simpatia de diversos políticos tradicionais que desejam fazer "dobradinha" com ele.